

O DISTRICTO DE BRAGA.

PUBLICA-SE A'S TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preço (sem estampilha).
Por anno 3\$000 — Semestre, 1\$550.
Trimestre, \$800 rs.

Assigna-se em Braga, no escriptorio da redacção, rua Nova n.º 3, para onde deve ser dirigida, franca de porte, toda a correspondencia e remessa de dinheiro; — em Lisboa, na loja do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta n.º 50 a 52.
Publicações d'interesse particular são pagas a 25 rs. por linha — annuncios 25 rs., repetição 15 rs. — Folha avulso 40 rs.
Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preço (com estampilha)
Por anno 3\$800 — semestre, 1\$950
Trimestre, 1\$000 rs.

NUM. 96

TERÇA FEIRA 1 DE SETEMBRO

1863

O DISTRICTO DE BRAGA.

Já se não póde duvidar da nefasta propaganda do protestantismo em nosso paiz.

A pastoral do exc.^{mo} prelado primaz datada de 22 do corrente, e a resenha dos livros heterodoxos que a imprensa denuncia circulando entre os incautos, leva o caso á evidencia. Já não é muito cedo, que o episcopado faz ouvir a sua auctorisada voz, sendo contudo o custodio nato do deposito da fé, a quem incumbe velar pela sua integridade, e estreme pureza; porém tarde que seja é sempre bem vinda.

O protestantismo é o sacrilego, e revoltoso Catilina, que está ás portas de Roma catholica, e é occasião de bradar assim aos bispos, como aos ministros da corda *Caveant Consules, nequid republica detrimenti capiat.*

Os snrs. Bispos tem uma maior tarefa a preencher: cumpre-lhes extractar ou fazer extractar os erros principaes, que se contem n'esses livros hereticos, que a propaganda mette á cara dos simplices, inexpertos, e indoutos, e combatel-os, proclamando contra elles a verdadeira e genuina doutrina da Igreja, e ensinando as suas ovelhas a extremar o trigo do joio.

Ao governo tambem não incumbe só acautelar a geração nascente do

toxico, que se lhe póde inocular no seio das escolas; é occasião de fazer executar o l.º 2.º tit. 1.º do Código Penal, onde se mandam punir os crimes contra a religião do reino.

Se o governo quer, que acreditem a sua sinceridade, deve expedir severas portarias aos agentes do ministerio Publico para perseguirem nos tribunaes aquelles crimes. De que serve acautellar os meninos nas escolas, e deixar germinar o mal no seio da sociedade, para elles virem aspirar e sorver o veneno em uma atmosphera corrupta na perigosa idade das paixões? O proceder do governo é mais connivente e estrategico, do que sincero e bem intencionado.

O protestantismo foi o que na Polonia preparou o jugo da Russia, com que hoje lueta, e que pretende sacudir á custa de torrentes de sangue. Deus permitta, que entre nós se não armem, tambem, ciladas á independencia da nação, ou á fórma do governo, socavando-lhe a base da religião. !!!

Toda a ideia, que não é accessivel á maioria do povo, pouca importancia póde ter, mas o principio que o povo adoptou como verdade de creença e regra de proceder, foi sempre fecundo em resultados.

O nosso povo é pacifico, mas sabe

que a paciencia tem limites e não consente que o constrangam a dar o que não deve nem póde dar.

O povo ama a ordem, porque sabe que as revoluções ficão caras e que elle as paga todas a sangue e a dinheiro.

O povo quer vêr se ainda pelos meios ordinarios, as cousas tomam algum rumo de interesse para o paiz, que ahi governam com tanto desperdicio dos dinheiros publicos como prejuizo da moralidade, affrontada na compra vergonhosa dos que pódem fazer mal ao governo e no encarte dos mais despejados incensadores d'uma situação sem pejo nos logares mais pingues da administração do estado.

Esta prudencia popular é tão sensata como conveniente, mas por isso mesmo mais de temer pelos que andam apurando a paciencia publica.

Hoje chega a noticia do bem e do mal a todo o paiz e não ha senão o acerto e o bom tino e a prudencia e os bons actos dos governos para se grangear as affeições populares.

O povo não confia no governo actual e acolhe bem toda a ideia da substituição d'elle por outro que seja constitucional nas formulas e nas obras e que não o esteja vexando com a mais despejada corrupção e com o mais atroz despotismo em nome da doce liberdade.

Falla-se ao ouvido e alto e bom som

em meios violentos para a queda do actual gabinete.

A imprensa toda do paiz anda cheia de taes boatos e o caso é que os actos do governo dão razão a tudo e legitimam o emprego das ultimas razões das cousas.

Eis ahi como um nosso collega do Porto o *Purgatorio* traduz os seus sentimentos sobre a materia:

Teremos revolução?

«Diversos boatos annunciam extraordinarias eventualidades no nosso paiz.

A inquietação manifesta-se em todos. Uns recieam perder a vantajosa posição que astuciosamente ganharam, e outros nutrem as ambições de dominio com a esperanza na realisação dos planos que se annunciam.

As folhas ministeriaes, com censuravel leviandade, asseguram que se trata de representar n'este paiz uma tragedia de sangue; que as ambições politicas se armam para uma luta que deve decidir dos destinos da nação; e as outras, não negando os preparativos revolucionarios, attribuem esta fermentação occulta ao procedimento do governo irregular, inconvenientissimo, nefasto aos interesses de todos nós.

Mas será verdade que se fazem maquinações contra a ordem publica?

Será verdade que se trata de ven-

PINHEIRAIDA:

POEMA HISTORICO-BURLESCO.

Com seu eplogo gibboso,

EM

Paraphrase physica e moral

DO

HEROE DECANTADO.

Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.
Cambes.

Argumento.

Fazem concilio chulo alguns patuscos,
A fim de syringar os brutamontes;
Decidem chamuscar em bons chamuscos
Os asnos dos callaicos horisontes;
Depois d'esmiuçados mil rebuscos,
De sendeiros malvados a mil montes;
Venceu-se decantar mestre Pinheiro,
No crime e na maldade sem parceiro.

CANTO PRIMEIRO.

I.

Os feitos d'um Pinheiro asselvajado,
Dos lados de Viseu de toasca aldeia;
Corpanzil de carrulo corcovado,
D'informe carantonha, torva e feia;
Em manhas infamantes amestrado,
Baforando honradez á bocca cheia;
Cantando espalharei n'este meu metro,
Se não me fallecer burlesco plectro.

II.

Do larapio da imprensa as artimanhas
Narrar prometto em canticos facetos;
D'um infame estendal de vis façanhas
Prometto decantar casos selectos:
Não prometto narrar, dizer patranhas,
Com visos de continhos insoletos;
Prometto expor ao sol, chalacioso,
Um sudario de crimes ascoroso.

III.

Embora a locução adorne a phrase
Dos cantos ao maroto consagrados;
Embora a narração ao metro case
Exemplos de patifes affamados;
Inventos de ficções, falhos de base,
Ninguem nos versos meus verá narrados:
Heide os cantos firmar em documentos,
Em provas d'inconcessos fundamentos.

IV.

Cessem do Stagyrita os mil louvores,
Philosopho n'outr'ora engrandecido:
Murchem-se do Bénard os mil fulgores,
Psychólogo d'agora extremo lido:
Callem-se os gabos seus, os seus primores,
Que só o canto meu vae ser ouvido:
Vae de Braga cantar-se o bruto magro,
Dos logicos do mundo o mais onagro.

V.

Decante embora á pulga um Calcagnino,
Passeracio decante o proprio nada;
A' mosca um Luciano engendre um hymno,
A' sombra um Jano Dousa dê toada;
Cante ao rato Poly'crates molino,
Qual a ti, Maioraggio, o lodo agrada;
Eu quero decantar mestre Pinheiro,
Dos typos saltador e bandoleiro.

VI.

Vós, nymphas da irrisão, séde propicias
Aos cantos no meu plectro dedilhados;
E' dar-vos a maior d'entre as delicias
Cantar-vos o maior dos ajambrados:
Dourae minhas sarcasticas primicias
Com brilhos do fulgor mais variados:
Não cumpre decantar em verso rudo
De Braga o Aristóteles pernudo.

VII.

Ao Heinsio Daniel vós inspirastes,
Nos gabos consagrados ao jumento;
O estro d'um Maceado basejastes,
Dos burros ao cantar o zurzimento:
Dae-me a graça dos dois, que lhes soprastes;
Ajudae-me no meu commettimento;
Inspirae-me tambem, dae-me chalaça,
Que eu decanto um heroe da mesma raça.

VIII.

A vós os cantos meus dedico inteiros,
O' genio tuteliar das bagatellas;
O bruto dos brutissimos Pinheiros
E' thema d'estas minhas zurzidellas:
Cantarei do garoto d'arrieiros,
Até vir a ser mestre, as mil novellas;
Dignae-vos escutar meu chulo trino,
Que para o canto meu a lyra affino.

IX.

Vereis estro faceto não movido
Por premio de ganhar algum salario;
Vereis por caridade ser zurzido
O pifio escrevedor mais salafinario:
Vereis d'um massador aborrecido
Suppor-se o toleirão rei-secretario:
Vereis qual é, qual foi mestre Pinheiro,
No physico e moral descripto inteiro.

X.

Nos annos d'oito centos com mais septe
Em Souto de Lafões, de matrimonio,
Suou Josefa mãe todo o topete,
Em dar á luz um filho ao pae Antonio:
Mal nascido que foi, logo promette
Ser o mau do fedelho um vil demonio:
Atroava no berço a visinhança,
Toda a vez que grunhia, a má creança.

XI.

Foi no dia dezoito, diz a fama,
Do mez de Março, que se dera o parto:
Segundo a tradição alli proclama,
Nem tempo teve a mãe d'entrar n'um quarto:
A' porta d'um cortelho, sobre a lama,
Pariu n'um esteirão de podre esparto:
Ouviu-a o pae gritar de traz da horta,
E veio dar com ella como morta.

XII.

Ao longo do cortelho da cabana
O corpo lhe jazia sem sentido;
Semelhava a Tullióla romana,
De parto fallecida a seu marido:
Era qual cópia da Junia Syllana,
Morta depois tambem do parto havido;
Mas quiz a Providencia preservá-la,
Para um monstro crear da mór eschala.

XIII.

Accode desde logo a visinhança,
A dar os parabens do nascimento;
Nas terras das aldeas é usança,
Acatada dos paes em mui contento:
Não quer o pae Antonio, da creança
Que lhe fallem senão com sentimento;
Pois tudo neste parto lhe revela
A deshonra geral da parentella.

cer por meio da força o ministerio que deu principio ao reinado d'el-rei D. Luiz?

Será verdade que a nação se prepara para, por meio da força, destruir um imperio que não se coaduna com as idéas rasgadas da época, com as nobilissimas aspirações d'este povo, com a moralidade excellente dos habitantes d'este pequeno canto do Occidente, em remotos tempos respeitado pelos seus miraculosos feitos d'armas, pelos seus comettimentos admiráveis, auxiliados pela bussola e dirigidos pela Cruz da redempção dos povos?

Será verdade que o alvião e a enchada, que estão rasgando a terra para a applanar e tornar facil e suave o transitio, para estreitar os povos, abraçal-os, dando vida á industria, desenvolvimento ao commercio, e estabelecendo commodidades geraes, serão substituídos pela arma reiuna, pela foíce roçadeira, e por outros instrumentos de destruição?

Será verdade que o exercito, criado e nutrido para assegurar a tranquillidade publica e a independencia patria, exercito de glorias, exercito pacifico, bem morigerado, se mostra inquieto e resolvido a ir contra a disciplina?

Se isto é assim, qual a sua origem? donde partirá o mal? a quem tocará a culpa? os motivos e os fins?

Ha presumpções de revolução. Esperam-a os governamentaes, esperam-a os opposicionistas.

Falla-se n'ella em Lisboa, no Porto, e muito especialmente na provincia do Minho.

E ha-de dar-se. O dia não está longe.

O governo treme e procura todos os meios para suffocar qualquer pronunciamto que rompa de qualquer ponto do paiz. Sugeita-se a todas as exigencias, a todos os desejos dos ambiciosos que se foram acolher debaixo da bandeira corrupta de meia duzia de amphitriões que pertendem devorar-nos.

Na provincia do Minho agita-se o povo, manifesta-se a inquietação.

O governo procura a resistencia na corrupção, arregimenta os insignificantes, os pustulosos mais notaveis dos concelhos, dá-lhes importancia, por que não ha cavalheiros briosos que se prestem a servir omnimodamente tão ruim situação.

Os amigos do governo, por elle authorisados, criam associações clandestinas nos diferentes concelhos da pro-

vincia do Minho. Aos commandantes dos corpos offerecem gordas gratificações, abrem-lhes a bolsa, e procuram contentar a officialidade com o brilho do ouro.

Quem percorre a provincia do Minho, quem falla intimamente com as pessoas que se occupam de cousas politicas, sabe o que de revoltante se está passando no nosso paiz, como se desperdiçam os redditos publicos, como se dirige a publica administração nas regiões menos elevadas.

Os amigos do governo não fazem questão de dinheiro. Parece que teem ás suas ordens uma California de ouro!

Parece que os cofres publicos passaram para o seu dominio!

Os factos são esses e o que o povo do Minho ajuiza d'elles ainda é mais desfavoravel ao governo do que o collega diz com tanta força e verdade.

O povo está descontente porque conhece os escandalos do ministro da fazenda, as heresias miseraveis do ministro da marinha, o maçonismo do duque de Loulé, os despotismos parvos do ministro da guerra, as levandades e injustiças do ministro das justias e os actos de vergonhoso compadrio do ministerio do reino.

Appellará o povo desde já para o derradeiro recurso? O exercito estará nos mesmos sentimentos do povo?

Que a vontade poderá ser amanhã forte bastante para produzir uma mudança completa no pessoal da administração do estado, ninguém, que estude e ouça o povo e o exercito, o poderá duvidar.

Sirva isto de aviso ao governo para ser constitucional e amigo da moralidade publica.

Com a devida venia transcrevemos do «Conservador», jornal que se publica na capital, o seguinte artigo:

Dissémos, n'um dos nossos ultimos numeros, que corria em Lisboa o boato de que o governo enviara á praça de Londres um agente para negociar novo emprestimo de DOIS MILHÕES ESTERLINOS OU VINTE MILHÕES DE CRUSADOS. Não foi contrariada a noticia que ouvimos, e que reservadamente demos aos nossos leitores. Os orgãos semi-officiaes do governo, «Asmodeu», «Portuguez» e «Progressista» tem guardado o mais discreto silencio ácerca do emprestimo em projecto, e um tal silencio é bem significativo.

Vae-se contrair novo emprestimo. Pare-

ce-nos podel-o dizer, sem risco de propalar um boato falso. Serão mais reservas mysteriosas, serão mais condições secretas, serão novos augmentos no imposto, novos desperdicios novos encargos, novos sacrificios, sem razoavel compensação, que Portugal terá de fazer.

Onde irá parar isto, Santo Deus?

Quando parará o ministerio historico no caminho do abysmo a que nos conduz?

Não ha um anno que a nação contraiu um monstruoso emprestimo, o maior que Portugal tem feito. A divida publica foi augmentada com vinte e dois mil contos, e o thesouro ficou onerado com seis centos e tantos contos de encargos annuaes. E nem isto bastou, e nem isto foi sufficiente para saciar a sede de ouro que devora os nossos Walpoles.

E os homens que tudo isto fazem são os que para conseguirem seus nefandos fins, desenrolaram neste paiz um estandarte onde se lia «economias» onde se lia — que o povo não podia nem devia pagar mais. Oh! *Proh pudor!* Se o paiz um dia acordar do lethargo em que jaz, se o povo acordar e disser ás auctoridades fiscaes que lhe forem exigir dinheiro para as prodigalidades do ministerio: — não podemos, nem devemos pagar; vós o dissestes, vós, o pré-gastes; queixae-vos de vós; de nós não, que não podemos nem queremos consentir que o nosso suor sirva para vos embriegar nos vossos banquetes de corrupção.

De facto. Se o povo visse que lhe exigiam tão penosos sacrificios para fazer face ás despesas necessarias, para os melhoramentos publicos, para os commettimentos de civilização e progresso, que se devem emprender neste paiz, não podia nem devia esquivar-se a contribuir para engrossar o patrimonio publico.

Mas como vê o povo applicar os dinheiros da nação? Como vê gastar a fortuna publica?

Em crear almirantados e esquadras irrisorias; em prover marechalatos inuteis; em corromper consciencias; em comprar adhesões e... em mil outros escandalos de igual jaez.

Pobre povo! Quando deixará esta gente de abusar da tua paciencia?!

Do *Archivo Rural* a quem pedimos venia, começamos hoje a publicar, que julgamos de muita utilidade especialmente para o Minho, os bellos artigos que ali publicou o snr. Francisco Manoel da Costa, debaixo do titulo

OS PRASOS E A SOCIEDADE

I

Deve-se a este contracto (á emphyteuse) grande parte da agricultura, e da população deste reino, e antes convirá promovê-lo, do que transformá-lo contra a vontade de seus donos.

Corrêa Telles

O estado emphyteutico dos terrenos deste reino não prejudica, antes promove a agricultura.

J. P. Ribeiro, ref. hist. pag. 2.

Para mim o grande meio de progresso na cultivação do paiz da melhor distribuição da população, do melhoramento das classes laboriosas, do chamamento dos proletarios ao gozo da propriedade, e por ella aos bons costumes, e ao amor da familia, e da patria, — é a emphyteuse.

Herculano.

A emphyteuse data de tempos mui remotos. Os egypcios, os gregos, e os judeus parece que já a conheciam, posto que mais semelhante ao contracto censitico, do que ao *dirito emphyteutico* dos romanos, que é a origem da que depois vigorou, mais ou menos, nos diferentes estados da Europa, e serviu de norma para as outras instituições, que com ella se assimilham.

Desde o principio da fundação de Roma, e da primeira divisão das terras entre os cidadãos romanos, houve um fundo de reserva excluído da apropriação particular, que foi o nucleo do *ager publicus*, successivamente augmentado pelas concessões voluntarias dos povos, pela confiscação em diversas proporções, ou mesmo na totalidade do territorio conquistado, pelas adjudicações forçadas, pelos bens dos condemnados, e pelas heranças jacentes, muito frequentes em razão da complicação das successões.

No tempo da Republica, estas terras eram dadas aos cidadãos pobres para nellas se estabelecerem, ou fundarem colonias, e outras arrendava-as o Estado por certa pensão annual, constituindo ambas estas especies até á epocha imperial o denominado *ager publicus*.

O detentor do *ager publicus* em relação a outra qualquer pessoa tinha uma fruição protegida pelo Pretor; a sua posse estava no commercio, era garantida pelo magistrado, e vinha a ser uma especie de propriedade transmissivel por doação, por venda e por successão: o direito que a regulava era bem differente d'aquelle que competia ao proprietario de *ager privatus*.

XIV.

Do dia, e hora, e sitio, e parto inteiro, De tudo augura mal o pobre Antonio: De Biblis e Lycambes no madeiro Pendido o fructo vê do matrimonio: Prevendo a força assim ao seu herdeiro, Não julga predizer desfecho erroneo: De Búbalo, Erigão, e de Silano Vê a morte no filho em qualquer anno.

XV.

Chorava a pobre mãe a sorte amarga, Que tinha para si como um castigo; Carpia a bom carpir, com dôr d'ilbarga, O parto em que se viu co' a vida em p'riço: De continuo chorou, chorou á larga, Sem ter consolação jámais consigo; Chorava o ter gerado um tal herdeiro, Aleijado da bocca ao pousadeiro.

XVI.

Via o filho com dentes ter nascido, Como nasce na côrte o bacorinho; Via o bico dos peitos insoffrido, Das continuas trincadas do dêminho: Do muito amamentar emagrecido, Via o corpo tornar-se um espielhinho; E via, para mais do seu tormento, O filho inda mais bruto que um jumento.

XVII.

Via o filho crescer sempre maldoso, Sem nunca lh'a doutrina entrar no caco; Via n'elle nascer Cosme Manhoso, Com corpo e cara, e gestos de macaco: Via o filho somente mui gostoso, Quando juncto folgava com Zé Taco; E via, no consorcio c' o visinho, A certa perdição do seu dêminho.

XVIII.

Ainda agora o Taco vive em Souto, Patria cara dos dois, do berço amigos; Inda hoje cada qual prosegue affuto Pela estrada do crime em seus abrigos: Man'el é professor, e faz de douto; O Taco é cesteireiro, e tampa gigos; Mas cada qual dos dois, pela callada, Não deixa de bifar com capa honrada.

XIX.

Scismava o pobre pae, pelo seu lado, No destino futuro do birbante; Via o rapaz, com sestro malfadado, Ajunctar-se c' os maus a cada instante: Via ao longe correr em negro brado A vida brêgeirona do tractante; E via, a ter em casa o tal patife, Que nada ha d'escapar que elle não bife.

XX.

Via em casa faltar, em cada dia, Aquillo que melhor continha a casa; Toda a gente de Souto sempre via, Guardando o que era seu, em viva brasa: Ao pobre pae o sangue lhe servia, Por vêr o quanto o filho o atansa: Por vêr que nem a tosa mais tremenda Causar podia ao biltre alguma emenda.

XXI.

Via o filho trazer em mil intrigas Da gente de Lafões a terra inteira; Via sempre o rapaz, causa de brigas, Hypérbolo exceder na maroteira: Trabalhos, insocções e fadigas, Via o pae a crescer pela ribeira; Mais que Patacio, mais que Eurymuo via O filho a intrigar de noite e dia.

XXII.

Leva á Villa de Frades o bregeiro, A fim de sujeital-o a ter officio; Dá-lhe por mestre um sancto d'um ferreiro, A quem prepara o biltre infando exicio: Faz-se da torpe mulher alcoviteiro, Dando-lhe inteira larga ao torpe vicio; E com ella por fim o vil fedelho Ajusta-se em matar o pobre velho.

XXIII.

Tal é o sestro já, que em tenra idade O augura de rei d'entre os tractantes! Tal é o monstro infame de maldade, Que logica dá hoje aos estudantes! Tal é a decantada honestidade Do mais torpe dos biltres degradantes! Do mais vil dos mais vis d'entre os maldados, Nos mais negros dos crimes amestrados!

XXIV.

Não quiz a Providencia, que aos sete annos Manchasse em sangue as mãos o rapazote; Livra ao velho Thomaz dos negros planos, Que lhe zurze o costado c'um virote; Quereim das mãos tirar-lho os mais ciganos, De quem é capataz o franchinote; Mas o velho Thomaz desanca tanto, Que poem em fuga a todos com espanto.

XXV.

Agarra d'outro arrôcho que vê perto, Desanda no aprendiz paulada immensa; Deixa-lhe o corpo de vergões coberto, Co' a sova que nos lombos lhe dispensa: Nada farta a Thomaz, por Deus liberto Da mais ingrata, mais infame offensa: Tanto massou nas costas do patife, Que as fez o pico ser de Tenertife.

mas os seus effeitos praticos eram os mesmos.

Em relação, porém, ao Estado, achava-se em uma posição muito diversa, porque a sua fruição era um simples uso, uma posse, e não um dominio, e por consequencia os seus titulos eram sempre precarios, e revogaveis, nem a prescripção lhe aproveitava.

Aquella parte do *ager publicus* que foi concedida aos cultivadores, ou por adjudicações feitas pelos censores em nome da Republica, ou por sub-concessões dos primitivos adjudicatarios, como a que tinham as cidades, os collegios de sacerdotes, e as vestaes, com obrigação de pagarem uma certa pensão annual, constituiu o denominado *ager vectigalis*, de que nenhuma menção fazem os escriptores do tempo da Republica, mas que no governo dos Imperadores foi o unico resto do patrimonio publico, completamente alienado ou confundido com o destes, e prestou objecto a numerosas disposições do direito imperial.

Quando estas terras dadas, ou vendidas com o onus de uma pensão perpetua, e annual eram incultas, e tinham de ser arroteadas, chamavam-se *emphyteuticas*, do verbo grego (*implanto, insero*).

O arrendamento perpetuo foi d'alguma sorte o precursor da *emphyteuse*. Decorreu, contudo, mais de um seculo até que se vencesse a distancia que separa estes dois contractos. Depois da locação perpetua applicada ao *ager vectigalis*, e aos fundos do dominio imperial é que esta situação se apresentou bem caracterizada pela expressão: *jus privatum, salvo canone*.
(Continúa) F. M. da Costa.

SECÇÃO DE CORRESPONDENCIAS.

Lisboa 27 d'agosto.

Em Lisboa a ordem do dia são os escandalos do Lobo d'Avila, o cinismo do duque de Loulé, e os despotismos revoltantes do visconde de Sá. O governo tem fomentado a indisposição geral pelo seu ignobil proceder, e não tem por amigos senão os caracteres que tem podido corromper.

Os ministros atravessam as ruas sem que se veja um só cidadão, levar a mão ao chapéo, e como gente que é considerada fóra das leis da cortesia todos lhes viram as costas.

As scenas vergonhosas succedem-se todos os dias com uma teima provocadora. Hontem á noite deu-se um acto miseravel em casa do visconde de Sá entre o presidente do conselho e o Lobo d'Avila.

A proposito, segundo se diz, de uma reclamação estrangeira o duque de Loulé queria que se reunisse o conselho de estado. O Lobo d'Avila oppunha-se a isto pretextando razões que o duque não podia acceitar. D'aqui resultou, contra o que ninguem podia esperar, uma d'estas contendas tris-tissimas de que só a praça do peixe dá noticia nos seus annaes. Não houve injuria que não cuspissem um ao outro. Não houve allusão vergonhosa que se não fizessem reciprocamente.

Snr. Lobo d'Avila, eu lavo as minhas mãos do negocio das farinhas, não tenho rabos de palha, dizia o duque.

Snr. duque eu lavo as minhas mãos da comedella do trapiche, nunca me aproveitei d'ella um dia, e muito menos uma serie de annos, dizia o Avila.

Este tiroteio de doestos asquerosos acabou tarde, mas os regatões sahiram abraçados.

Veja em que mãos collocou a providencia o leme da governação de um povo.

Este paiz tem necessariamente muitas culpas no cartorio, e a maior d'ellas é sem duvida aturar estes saltim-bancos.

Este estado calamitoso, porém não pôde durar muito. Vejo os animos irritados, e falhos de paciencia.

Hoje dizia-se que a camara municipal de Lisboa ia pedir a el-rei a demissão do ministerio.

Dizia-se tambem que o ministerio quer enfrear a imprensa, que está solta porque descobre as suas devassidões e torpezas.

Idem 28.

A propaganda protestante continúa activa. Ante-hontem vi eu umas biblias hespanholas perfeitamente impressas, e muito baratas, e que foram entregues a uma pessoa para se mandarem para fóra de Lisboa; iam com direção a Alcobaça, e outras terras da Extremadura, e terras do Riba Tejo.

O vapor «Mindello» sahe no dia 28 ou 29 do corrente, para um dos portos de

Inglaterra, a buscar el-rei D. Fernando.

O cadaver do infante D. João, é transferido para o jazigo real em S. Vicente.

A igreja dos Jeronimos, em Belem, é a que váe ser preparada para se baptisar o futuro principe, assim o festejo real é todo no bairro de Belem, extremo da cidade.

Procurou-se o templo de Belem, visto a Sé estar ainda em obras; é este o templo fundado por D. Manoel, em memoria da descoberta da India.

A esquadra de reserva consta estar em Vigo, esperando a corveta «Goa» que se separou.

Hontem, depois das 4 horas da tarde até as 11 ou meia noite, choveu fortemente; parecia um dia de inverno; hoje está melhor o dia, mas ainda assim promette alguns chuviscos.

O correspondente da «Liberdade», jornal de Coimbra, enguliu as calumnias citadas contra a escola catholica de S. Sebastião da Pedreira; agora, para collocation ainda o que disse e querer fazer ver aos *papalvos* que não calumniou, diz que não pôde ver o ensino; não obstante as diligencias que fez, é nova calumnia; o ensino não é ás escondidas, pode ir vel-o quando quizer; lá não se ensina doutrina nem contraria á religião, nem contra as instituições; e d'outros estabelecimentos não podemos dizer o mesmo, porque os livros protestantes reinam e distribuem-se nas mãos das creanças; isso sim, é que é ensino, é liberal segundo a opinião do correspondente do «Diario Mercantil», do «Portuguez» d'hoje, que pede ao governo que tome cuidado na propaganda lazarista que é perigosa e deixe a protestante que é liberal e tambem segundo a opinião da «Crença» que tambem acha liberal o ensino protestante.

Falleceu o sr. Gonçalves Teixeira, 1.º secretario do centro promotor, o socialista mais dedicado e que menos barulho fazia. A associação dos alfaiates perdeu um bom socio, Deus se amerece de sua alma.

Finalizo hoje, extrahindo da «Revista Estrangeira» do «Jornal do Commercio» um dos mais bellos periodos do discurso do Conde de Montalemberte, pronunciado no Congresso Catholico de Malines na Belgica. Ouvi o conde: «os catholicos modernos, excepto a Belgica não tem comprehendido a grande revolução que fundou a sociedade actual. Manifestam saudades pelo antigo regimen, e o antigo regimen qualquer que tenha sido a sua importancia, tem um defeito capital: está morto; não resuscitará.»

A democracia existe na metade da Europa, existirá breve n'outra metade.

Não aconselho aos catholicos que passem d'um dia para o outro, de um polo d'um servilismo por outro polo.

Não é mister que se inclinem diante da soberania do povo nem do direito divino, mas é necessario reconhecer nas forças sociais as que já não teem accção, é mister distinguir o possivel do impossivel, a fecundidade da esterilidade, e ainda, da morte».

E' necessario que o clero medite bem nestas palavras, e sobre ellas faça reflexão, porque é da bôcca de um dos mais acerrimos defensores do catholicismo que ellas sahiram.

Meditem bem nellas, porque podem responder aos historicos de cá e de lá se o catholicismo é inimigo da liberdade.

P.

SECÇÃO NOTICIOSA.

Festividade. — Celebrou-se no domingo 30, com toda a solemnidade na igreja do Populo, a festa de N. Senhora da Consolação da Correea, padroeira daquelle casa e irmandade, houve missa solemne e exposição, e de tarde houve eloquente sermão pregado pelo distincto orador o sr. abbade da Pouza, o qual fez o elogio da Virgem em uma linguagem primorosa, falando ao espirito e ao coração dos ouvintes que o escutavam com a maior attenção.

E' preciso fallar claro. — Uma correspondencia de Roma publicada pelo «Tablet», dizendo-se bem auctorizada, assegura que o Papa dissera, como resposta definitiva ao governo francez, em relação ao rei de Napoles:

«Que em quanto á ameaça de re-tirar de Roma a guarnição franceza, elle desejava apenas saber a noticia tres dias antes, porque já tinha combinado tudo com os outros poderes catholicos».

A isto accressenta o «Tablet»: E' o que nós todos devemos desear, porque é notorio que o que se chama protecção franceza é uma verdadeira escravidão; e assim, é para nós todos uma grande noticia sabermos que a Austria, a Hespanha, a Baviera e a Saxonia não olharão indifferentes para a consummação do sacrilegio.

Igrejas a concurso. — Achase aberto concurso por provas publicas perante os respectivos prelados por espaço de 30 dias para o provimento das duas seguintes igrejas parochiaes: S. Vicente de Aljubarrota, no con-

XXVI.

Livrou em Babylonia a Providencia
Tres infantes hebreus ao fogo dados;
Illesa a Daniel deu assistencia
Na cova dos leões esfomeados;
Da morte de José já na imminencia
Sustem os mais irmãos desatinados;
Assim livra a Thomaz d'este bregreiro,
Que diz civilisar o Minho inteiro.

XXVII.

Ainda existe agora na Abruhosa
D'este velho, Thomaz um seu sobrinho;
Já d'elle o nosso heroe teve uma tosa,
Que o deixou a calcar lanços de vinho;
Por estas e que taes o biltre gosa
Dos gaudios de não ir ao patrio ninho;
Se tornasse a Viseu n'estas alturas,
De morto lá ficar tinha as venturas.

XXVIII.

A gibba colossal do rapazello
Faz-lhe o nome ganhar de dromedario;
Acachapa as costellas do escravelho,
O thorax encurtando ao salafriario;
Alonga a ponta ao coccyx do fedelho,
Que é hoje o mais pernudo secretario;
Fal-o ter entre nós, filhos de Tubal,
Mais fama que os tres gibbos do Setubal.

XXIX.

Fal-o deixar a Corytheu de lado,
O d'Erasmus da môr deformidade;
Faz Galba em Roma menos cercovado,
Como o douto Macrobio persuade;
Do Esopo da Phrygia decantado
Faz esquecer a zibba e fealdade;
A todo o cercovado, com espanto,
Consegue o nosso heroe deixar de canto.

XXX.

De Frades uma velha caridosa
Teve dô do aprendiz do bom ferreiro;
Recolheu o rapaz, mas desgostosa
Em breve gritou bem contra o bregreiro;
D'ahi a mezes dois, triste e chorosa,
Maldizia o momento hospitaleiro;
A' pobre velha o biltre cachopinho
Duas teas roubou, d'estopa e linho.

XXXI.

Ingrato como Páris, hospedado
Do grego Menelau nos aposentos;
Não roubou a mulher, o descarado,
Mas o fructo roubou dos seus proventos;
Roubou-o, mal o lombo viu curado,
Sem ficar no logar nem dois momentos;
Pois logo as teas sobre a gibba ferra,
E tracta de safar para outra terra.

XXXII.

Mal Thomaz disse ao pae do animalejo
As maldades tentadas do mau filho;
Vae de Lafões buscal-o com desejo
Da vida tirar logo ao maltrapilho;
O biltre, ao vêr o pae, c'o môr despejo
Desculpa-se com mil e um tonilho;
O pae em furia contra o filho corre,
Mas os sentidos perde, e cabe, e morre.

XXXIII.

Assim do pae em furia um filho infando
Pôde o corpo livrar de mais pauladas!
Assim d'um pobre velho miserando
As passadas ficaram mallogradas!
Assim, ao filho maldições deitando,
Dá fim um pae ás horas amargadas!
Assim um filho d'execranda vida
Veio do pae a ser o parricida!

XXXIV.

É nada o que se diz, como em Ferrara
Deu Flisco ao pae, pela paixão, a morte;
De Barnâbas é nada a morte amára,
Devida da paixão ao só transporte;
Ninguem na historia vê, ninguem depara
Com filho de mais mau, mais negro porte;
Não ha nos seus annaes um criminoso
De prelude infantil tam aleivoso.

XXXV.

Ainda agora por Lafões e Frades
Negreja a fama d'este heroe bregreiro;
Ainda alli agora as mil maldades
O povo conta do rapaz Pinheiro;
Com negro nome em taes localidades,
Mais negro o tem na Trapa o vil matreiro;
Alli requinta o biltre em mil façanhas,
Com nunca vistas, nunca ouvidas manhas.

XXXVI.

Correu alli a 'schala das torpezas
O patife gibboso, ponta a ponta;
Mostrou-se heroe de tetras gentilezas,
Que, transido d'horror, o povo conta;
Mostrou as mais ladinias espertezas
Na carreira dos crimes e da affronta;
Mas quanto a fama diz, é tal e tanto,
Que dá materia em sobra a novo canto.

Fim

do

Canto Primeiro.

celho de Alcobaca, no bispado de Leiria, a contar de 22 do corrente.

Nossa Senhora da Ribeira, de Boucoães, no concelho de Valle Passos, bispado de Bragança, a contar de 19 do corrente.

Attentado inaudito — Em outro logar publicamos uma carta que nos foi remittida de Macedo de Cavaleiros em 23 do corrente, e na qual se dá noticia de um inaudito crime, qual foi o de tentar um réu, apunhalar, no proprio tribunal, o juiz que acabava de o sentenciar a degredar pelo crime de homicidio!

O facto é de tal ordem que dispensa commentario.

Por elle se prova que uma das mais urgentes necessidades do paiz é dar á administração da justiça todas as condições de segurança e força, que a tornem respeitada e respeitavel.

Beacção monstro. — Escrevem-nos de Roma que a Sagrada Congregação dos Ritos publicara um decreto facilitando muito a beatificação de duzentos e tres martyres do Japão, dos quaes cincoenta pertencem á Companhia de Jesus, uns como religiosos, outros como cathequistas. Nós, os portuguezes devemos pedir a Deus o bom exito desta causa, pois segundo o *Fasciculus e Japonicis floribus*, composto pelo padre Francisco Cardinis da Companhia de Jesus, entre estes martyres do Japão contam-se 36 portuguezes, 17 dos quaes pertencem á Companhia de Jesus, 3 aos religiosos de Sancto Agostinho e 16 são seculares. (Nação)

Como respeitam os monumentos. Está annunciada a venda do grande convento de Tibães, a casa principal da ordem Beneditina pela quantia de 2,220\$000 reis.

A quantia não faz nada ao caso, porém sim condemnar-se a uma destruição provavel um dos maiores edificios da provincia do Minho, e que symbolisava tantas recordações religiosas.

Sahida. — O vapor «Mindello» sahio de Lisboa para Bordens, diz-se que levou a seu bordo o general Caula ajudante d'el-rei, e que vai buscar o sr. D. Fernando, que vem ser padrinho do futuro principe ou princesa que se espera.

Invento portuguez. — O sr. Luiz Ferreira de Sousa Cruz, do Porto, acaba de inventar um aparelho de novo systema para extrahir agua de qualquer altura ou profundidade, e eleva-a a qualquer altura por meio dos estanca-rios com bom has aspirantes e de repucho e jacto continuo.

Foi-lhe concedida patente de invenção por quinze annos.

A descripção e o desenho foram remittidos para o instituto industrial para os effectos legais.

Tambem os dos Arcos serão reaccionarios? — Julgamos que sim; pois que se empenham com todas as forças para o esplendor do culto prestado pela igreja catholica áquella que é a — Consoladora dos afflictos, — e a veneram debaixo da expressiva invocação dos Remedios. Pena foi que a vespera estivesse tão chuvosa; mas apesar d'isso o ardor e zelo dos devotos não esfriou, guardando o bonito e variado fogo prezo e solto para a noute do dia da festa; ascendendo tambem n'essa occasião uma brilhante illuminação; e para que a noute estivesse cheia não faltou a banda de musica que com as suas harmonias muito concorreu para o entretenimento dos romeiros.

Os arcoenses pelas suas maneiras delicadas, e pelo muito bem que acolhem os seus visitantes tornam-se dignos dos maiores encomios, e nós, desde já lhes endereçamos os nossos, pois que tivemos occasião de observarmos o que nos tinham contado. Uma saude a tão bella paspiada. G.

Barão de Moreira. — Está finalmente resolvida a célebre questão con-

sular do Rio de Janeiro, sendo a final, e não foi sem tempo, demittido o barão de Moreira, e nomeado para o seu logar o sr. José Henriques Ferreira, que era consal portuguez em Pernambuco.

Tardou, mas fez-se justiça a quem de direito era. Felicitamos por isto o governo e o paiz, e principalmente os nossos benemeritos compatriotas residentes na capital do Brazil, que tão energicos esforços empregaram a bem da honra e dignidade do seu paiz, para que a moralidade triumphasse. (Commercio do Porto).

Recompensas. — Consta que brevemente cabirá sobre esta cidade uma alluvião de titulos e condecorações, em recompensa de serviços prestados, é verdade que não se sabe a que bem vindo seja, e bem haja este governo rasgadamente progressista, em galardoar o merito dos homens, de certo os mais iminentes desta boa cidade. Ditosa condição, ditosa gente.

Preços correntes do mercado em Braga.

Milho branco	550 réis.
» amarello	500 »
» alvo	600 »
Centeio	430 »
Feijão vermelho	900 »
» branco	880 »
» amarello	800 »
» rajado	750 »
» fradinho	600 »
Azeite (almude)	5000 »
Vellas (arroba)	3200 »

SECÇÃO ESTRANGEIRA.

Folhas francezas de 23 — hespanholas de 26

Os telegrammas da Polonia, que mencionam em muitos pontos uma recrudescencia do movimento insurreccional, dizem que foi mandado para o palatinado de Lublin um novo corpo do exercito russo de 10:600 homens.

Uma correspondencia de Varsovia, dirigida ao «Czas», diz que no dia 14 do corrente foram mandados para a Siberia mais 300 prisioneiros politicos. O mesmo acontece todos os dias em Wlana, Mohylew e Kiew.

Para a cidadella de Varsovia foram conduzidos presos tres estudantes da universidade sueca.

O coronel Krok, promovido á patente de general em consequencia da brilhante victoria de Zyrin, na qual se apoderou de 200:000 rublos, obteve outro triumpho contra os russos em Syrokomole, nas visinhanças de Radzyn, na Podlachia, dispersando completamente duas companhias.

Um boletim polaco diz que o abbade Mackiewicz derrotou um corpo russo muito superior em forças. Os russos, depois de um combate que durou muitas horas, retiraram na maior desordem, deixando no campo da batalha 29 mortos, e grande numero de carabinas.

Francfort, 24 d'agosto.

Foram approvados varios artigos da reforma. Os ministros de negocios estrangeiros de todos os Estados alemães, receberam a Memoria do imperador d'Austria, em que se indicam os meios de conseguir uma prompta resolução de reforma.

Segundo a «Entopa», na quinta feira proxima deve communicar-se á dieta a resposta da Dinamarca. Parece que o gabinete de Copenhague se nega aos desejos da Alemanha; sustenta as ultimas patentes reaes, declarando que considerará a execução federal como um acto hostil e attentatorio á dignidade da corõa e á existencia da monarchia.

Munich, 24.

Na sessão extraordinaria da camara dos deputados de 22, o presidente exhorta a que se unam os esforços unitarios dos principes alemães.

A camara respondeu com tres salvas de applausos em honra dos principes reunidos em Francfort.

AGRADECIMENTOS.

Luiz Vieira Antunes, reitor da freguezia de Bastuço, agradece por este meio a todos os illm.ºs e rev.ºs snrs. parochos, sacerdotes, exm.ºs cavalheiros e mais pessoas, que se dignaram cumprimental-o por occasião de sua ultima molestia, protestando a todos a sua eterna gratidão; e pede desculpa de o não fazer pessoalmente. (193)

Feliciano Joaquim da Silva Araujo e Mello, em virtude do seu despacho para delegado do P. R. na comarca de Cea, retira-se desta cidade, e como lhe não foi possível despedir-se pessoalmente de todas as pessoas das suas relações, como muito desejava, o faz por este meio, e offerece-lhes na referida comarca o seu pequeno prestimo.

Por esta occasião agradece aos habitantes desta cidade e concelho os favores, que recebeu, e a consideração em que sempre o tiveram como funcionario publico nos diversos logares, que neste mesmo concelho e comarca exercera em diversas epochas desde 1846.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS.

CONTRA A TOSSE XAROPE PEITORAL JAMES, legalmente autorisado pelo Conselho de Saude, premiado na exposição, ensaiado e approved nos hospitaes de Lisboa, aonde se faz grande uso, como unico tratamento de molestias tossicolosas.

Vende-se nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro.

Deposito em Braga, pharmacia do hospital de S. Marcos. (198)

Quem quizer comprar ou alugar uma morada de casas novas, sitas na rua de Infias n.º 85, com dois andares e seu quintal, com bons commodos e boas vistas, e com cozinha independente da casa, falle na mesma rua, casa n.º 115, que ali encontrará com quem tratar. (195)

Vende-se uma morada de casas de dous andares, com quintal e poço, na rua d'Infias n.º 115; quem as pertender falle na mesma casa. (194)

Diligencia diaria.

O Franqueira, faz sciente ao publico que principia a sua carreira diaria de diligencias de Braga á Povoia, e vice-versa, no dia 18 do corrente agosto.

Preço, por cada pessoa 1\$000 rs. Os bilhetes estarão á venda em Braga, na sua casa, Campo de Santa Anna; e na Povoia, na estalagem do Couteiro, rua do Norte. (173)

Carreira entre Braga e Povoia do Varzim.

DE **Narcizo José Marques.**

Desde o dia 22 do corrente agosto, principia a carreira do Marques desta cidade para a Povoia e vice-versa.

Os bilhetes vendem-se em Braga na rua de S. Marcos n.º 8; e na Povoia do Varzim na rua d'Areosa n.º 17.

Preço por pessoa . . . 1\$000 (178)

Francisco de Assis e Costa, pelo presente faz publico para todos os effectos legais que a sociedade que girava nesta cidade, debaixo da firma de Costa & Carvalho, foi dissolvida de commum accôrdo por escriptura publica de 12 do corrente, ficando todo o activo e passivo a cargo do socio Pedro Rodrigues de Carvalho.

Braga 26 de agosto de 1863. Francisco de Assis e Costa. (196)

Pelo juizo de direito da comarca de Braga e cartorio do escrivão Leite, no dia 4 do futuro mez de outubro do corrente anno, pelas 9 horas da manhã no tribunal de primeira instancia e praça aonde se costumam fazer as arrematações por este juizo, tem de andar em praça e serem arrematadas duas moradas de casas pertencentes á herança jacente do fallecido Joaquim Gomes da Silva desta mesma, por execução que lhe movia José Pedro de Souza Calheiros, chefe da segunda repartição do governo civil deste districto, hoje o curador geral dos orfãos desta comarca, cujos bens são os seguintes: uma morada de casas terreas com seu poço meeiro e quintal, que abatido o bocado do quintal que foi expropriado para a estrada do Bom Jesus do Monte, com o n.º 65, é o seu ligu do valor a quantia de 44\$665 reis, outra morada terrea com poço meeiro e quintal com o mesmo abatimento do quintal, é o seu liquido valor a quantia de 46\$050 reis. (197)

Instituto Bracarense.

Este collegio recebe ainda 10 alumnos internos, passado o qual numero se não admite mais.

As aulas estarão abertas no dia 1.º de outubro proximo.

As pessoas que quizerem utilizar se deste estabelecimento deverão mandar matricular os educandos desde o dia 15 de setembro por diante, seja directamente, seja por correspondencia. Para haver programmas dirigir-se ao director do Instituto Bracarense. (191)

PHOTOGRAPHIA

Na rua do Anjo n.º 5.

Tiram-se retratos com a maior perfeição possível, e por commodos preços. (182)

Responsavel — J. B. Ferreira Carmo.

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA.

Rua Nova n.º 3 E.